Confissões do Além: A Voz de Santo Agostinho no Espiritismo

#SantoAgostinhoEspírito



“Deus, que te criou sem ti, não te salvará sem ti” (Santo agostinho – encarnado)

“A prece é o orvalho divino que dissipa as paixões como o sol dissipa o nevoeiro.”

(Santo Agostinho, O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap. XXVII, item 23)

Índice

Prefácio 4

Introdução 5

Estilo e Contribuições 9

Mapeamento das Comunicações 10

Entre Céu e Terra: A Voz de Agostinho Através dos Séculos 32

Conclusão 34

Prefácio

A história da espiritualidade humana é marcada por nomes que ultrapassam o tempo, não apenas pelo que pensaram ou escreveram, mas sobretudo pelo que inspiraram em gerações sucessivas. Santo Agostinho é um desses nomes. Sua trajetória, desde os desvios da juventude até a consagração como doutor da Igreja, fascina pela honestidade com que se expôs diante de Deus — confessando suas quedas, seus dilemas e seu anseio por sentido.

Mas o que pode dizer à humanidade de hoje esse mesmo Espírito, agora liberto da carne, atuando como um dos mais respeitados mentores da Codificação Espírita? O que muda — e o que permanece — entre o Agostinho que buscava respostas sob o peso dos dogmas e o que agora se pronuncia em nome de uma fé raciocinada e consoladora?

Este trabalho convida o leitor a percorrer essa continuidade transformadora. Com delicadeza e vigor, Cláudio Fajardo nos conduz por mensagens que revelam um Agostinho mais maduro, mais sereno, mas nem por isso menos apaixonado pela verdade. Aqui, ele já não debate apenas ideias — ele consola, aconselha, encoraja. Não como um teólogo, mas como um irmão mais velho em jornada espiritual.

Ao visitar essa seleção de mensagens, que abrange temas como sofrimento, fé, família, perdão e missão, descobrimos um Espírito que evolui, mas não rompe com sua essência: continua fiel ao Cristo, agora com um olhar mais amplo, mais compassivo — e mais próximo do coração humano.

Que estas páginas sirvam de ponte entre o ontem e o amanhã, entre o ideal e a prática, entre a razão e o sentimento. E que inspirem cada leitor a fazer, como Agostinho, o percurso mais difícil e mais sublime: o retorno consciente ao amor.

Introdução

Ao longo da história, poucos nomes ressoam com tanto peso na filosofia cristã quanto o de Santo Agostinho de Hipona. Pensador vigoroso, apaixonado por Deus e pelo mistério da alma, Agostinho deixou marcas profundas na teologia ocidental com seus questionamentos, sua busca incessante por sentido e sua experiência de conversão. No entanto, à luz da Doutrina Espírita, esse mesmo Espírito ressurge em nova missão — desta vez não mais limitado pelas circunstâncias do tempo e da cultura, mas agora liberto, lúcido e profundamente comprometido com a renovação das consciências.

Este estudo busca traçar um diálogo sensível entre o Agostinho encarnado — bispo e doutor da Igreja — e o Espírito Santo Agostinho, um dos mais atuantes colaboradores do processo de Codificação Espírita. Aqui, não se trata de apagar o passado, mas de reconhecer a continuidade da missão espiritual de um ser que avança, que amadurece e que, mais do que nunca, reafirma sua fidelidade ao Cristo, agora sob nova luz.

Ao mergulharmos em suas comunicações — repletas de sabedoria prática, consolo e coragem moral — somos convidados a refletir não apenas sobre o progresso do Espírito Agostinho, mas também sobre nosso próprio papel no mundo. Afinal, se ele, tão grande, continua a servir e a aprender, o que nos impede de caminhar?

Agostinho Ontem e Hoje: Um Espírito em Expansão

Agostinho de Hipona (Encarnado)

- **Nascimento**: 354 d.C., Tagaste (África romana)
- **Conversão**: Aos 32 anos, influenciado por sua mãe Mônica e por Santo Ambrósio
- **Obras principais**: *Confissões*, *A Cidade de Deus*, *O Livre Arbítrio*
- **Cargos**: Bispo de Hipona por 34 anos
- **Teologia**:
  - ✓ Pecado original
  - ✓ Predestinação
  - ✓ Graça divina como força indispensável à salvação
- **Estilo**:
  - ✓ Introspectivo, filosófico, apologético
  - ✓ Síntese entre fé cristã e filosofia platônica
- **Influência**:
  - ✓ Um dos quatro grandes Doutores da Igreja latina
  - ✓ Inspirador do pensamento medieval e moderno cristão

Santo Agostinho (Espírito na Codificação Espírita)

No plano espiritual, Santo Agostinho é uma das figuras mais ativas na Codificação Espírita. Allan Kardec o cita nos **Prolegômenos de O Livro dos Espíritos** como um dos Espíritos que colaboraram na elaboração da obra. Ele também assina diversas mensagens em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Médiuns* e na *Revista Espírita*.

Kardec esclarece que Agostinho, como Espírito, não renega sua fé cristã, mas a amplia à luz da verdade espiritual. Ele mesmo reconhece que, liberto da matéria, passou a compreender com mais clareza o que antes via de forma limitada. Assim, torna-se um dos grandes divulgadores do Espiritismo, como afirma o Espírito Erasto.

Sua atuação é marcada por:

- Reflexões sobre o autoconhecimento e a reforma íntima.
- Orientações sobre a prece, a moral cristã e a vida futura.
- Participação em temas filosóficos e espirituais com clareza e profundidade.

Reflexões sobre o autoconhecimento e a reforma íntima

Santo Agostinho é o autor da célebre resposta à questão 919 de *O Livro dos Espíritos*, quando Kardec pergunta qual o meio mais eficaz de se melhorar nesta vida. Ele responde:

"Um sábio da Antiguidade vo-lo disse: Conhece-te a ti mesmo."

E detalha sua prática pessoal: ao fim de cada dia, interrogava sua consciência, revisava suas ações, avaliava se havia faltado com algum dever ou causado mal a alguém. Essa autoanálise diária é apresentada como chave para o progresso moral. Ele afirma que o conhecimento de si mesmo é o ponto de partida para a reforma íntima, pois só reconhecendo nossas imperfeições podemos transformá-las.

Essa proposta é profundamente prática e espiritual ao mesmo tempo: não basta conhecer-se intelectualmente, é preciso agir sobre o que se descobre.

Orientações sobre a prece, a moral cristã e a vida futura

Santo Agostinho também se destaca por suas mensagens sobre a importância da prece. No *Evangelho Segundo o Espiritismo*, capítulo XXVII, item 23, ele afirma:

> *"A prece é um orvalho divino que dissipa as paixões como o sol dissipa o nevoeiro."*

Para ele, orar é elevar-se, é buscar sintonia com os Espíritos superiores e com Deus. A prece sincera não muda as leis divinas, mas transforma quem ora, tornando-o mais receptivo à inspiração e à força moral.

Quanto à moral cristã, Agostinho reforça a necessidade de vivê-la com autenticidade, não como formalismo. Ele insiste na caridade, no perdão, na humildade e na vigilância sobre os próprios pensamentos. Sua visão da vida futura é serena e esperançosa: o Espírito colhe o que semeia, e a felicidade verdadeira está na consciência tranquila e na comunhão com o bem.

Participação em temas filosóficos e espirituais com clareza e profundidade

Agostinho, como Espírito, mantém sua veia filosófica. Em várias mensagens — especialmente na *Revista Espírita*. ele aborda temas como a liberdade, o destino, a justiça divina e a missão dos bons Espíritos. Sua linguagem é clara, direta e ao mesmo tempo elevada, como se buscasse traduzir verdades profundas em termos acessíveis.

Ele também contribui para o entendimento da pluralidade dos mundos habitados, da evolução espiritual e da natureza das penas e recompensas futuras, sempre com equilíbrio entre razão e fé.

Legado:

- ✓ Guia espiritual e mentor da reforma íntima
- ✓ Instrutor sobre oração, vida futura e progresso moral
- ✓ Um dos mais ativos comunicadores da Codificação

- **Obras com comunicações suas**:
  - ✓ *O Livro dos Espíritos* (questões 495, 919, 1009)
  - ✓ *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (caps. III, V, XII, XIV, XXVII)
  - ✓ *O Livro dos Médiuns* (cap. XXXI)
  - ✓ *Revista Espírita* (comunicações morais e filosóficas)

- **Estilo**:
  - ✓ Claro, conciso, fraterno e direto
  - ✓ Profundamente ético e espiritualizador
- **Temas centrais**:
  - ✓ Autoconhecimento e vigilância moral
  - ✓ Natureza educativa da dor
  - ✓ Oração como diálogo com o Alto
  - ✓ Missão dos bons Espíritos
  - ✓ Vida futura e justiça divina

Continuidade e Evolução do Pensamento

A Doutrina Espírita, ao afirmar a imortalidade da alma e o progresso constante dos Espíritos, nos lembra que ninguém atinge a plenitude moral ou intelectual de forma definitiva, nem mesmo os grandes nomes da espiritualidade. Santo Agostinho é um exemplo marcante dessa evolução.

Durante sua encarnação como bispo de Hipona, foi um dos pilares da teologia cristã, elaborando conceitos como graça divina, pecado original e predestinação. Sua fé era profunda, mas influenciada pelos limites culturais e filosóficos de sua época. Viveu intensos conflitos entre razão e fé, tentando conciliar o pensamento platônico com os dogmas da Igreja.

Já no plano espiritual, livre das amarras da matéria e das estruturas religiosas rígidas, sua visão se expande. Ele não nega a fé cristã, pelo contrário, a reconhece como base sólida, mas a interpreta com mais amplitude, conforme os princípios do Espiritismo. Essa transformação não representa uma ruptura, e sim um desdobramento de quem agora vê com os "olhos do Espírito".

No *Evangelho Segundo o Espiritismo* (cap. I), Allan Kardec observa que, como Espírito, Agostinho passou a compreender com mais clareza o que antes enxergava de forma parcial. Ele próprio admite ter julgado com base nos conhecimentos de seu tempo, mas que, sob nova luz, reviu crenças como a dos íncubos e súcubos, e sua oposição à teoria dos antípodas.

O Espírito Erasto destaca Santo Agostinho como um dos grandes divulgadores do Espiritismo, manifestando-se amplamente. Isso porque, segundo ele, Agostinho já intuía, em vida, verdades que agora transmite com vigor. Como verdadeiro missionário da Nova Revelação, atende a todos os que o invocam.

A continuidade entre o Agostinho encarnado e o Espírito Agostinho revela que a fé genuína não é rígida — ela se aprofunda, amplia e se ilumina à medida que o Espírito evolui. O Espiritismo, longe de negar a herança cristã, a resgata e reinterpreta sob um prisma mais puro e racional.

Mesmo após o desencarne, Agostinho permanece fiel à sua identidade cristã, agora enriquecida por uma nova compreensão. Se antes estava preso a visões teológicas

restritas, hoje compreende com mais lucidez a justiça divina, o livre-arbítrio, a reencarnação e a misericórdia.

Essa evolução é continuidade, não negação. Agostinho é o mesmo Espírito, agora mais consciente, compassivo e atuante como instrumento da Nova Revelação, sempre fiel ao Cristo.

A trajetória de Santo Agostinho é testemunho vivo da lei do progresso espiritual: o Espírito não estagna, mesmo após grandes realizações, ele segue adiante. Como mentor presente na Codificação Espírita, revela que as verdadeiras missões não se encerram com a vida física — apenas se transformam. Sua presença ainda se faz sentir como um chamado ao autoconhecimento, à oração genuína e à edificação de um mundo mais justo e fraterno, cuja base está no íntimo de cada ser. A célebre frase que lhe é atribuída, dita quando Bispo de Hipona — *"O Deus que te criou sem ti, não te salvará sem ti"* — harmoniza profundamente com os princípios da Doutrina Espírita, da qual ele se tornou colaborador valoroso.

Estilo e Contribuições

- Linguagem que ele costuma utilizar.
- Conexões com sua trajetória como teólogo na Igreja antiga.
- Como sua autoridade moral auxilia na credibilidade das mensagens espirituais.

Linguagem que ele costuma utilizar

Santo Agostinho, como Espírito, adota uma linguagem clara, serena e profundamente moralizante. Seu estilo é direto, mas nunca seco; é elevado, mas acessível. Ele evita rebuscamentos desnecessários e fala com a autoridade de quem conhece o coração humano. Costuma empregar metáforas espirituais, imagens da vida cotidiana e perguntas retóricas que convidam à reflexão.

Mesmo quando trata de temas complexos — como a natureza do mal, a oração ou a vida futura — sua linguagem é pedagógica e compassiva, como a de um mestre que deseja guiar, não impor. Há também traços de ternura e firmeza, como se sua voz espiritual ainda carregasse o zelo pastoral do bispo que foi.

Conexões com sua trajetória como teólogo na Igreja antiga

Durante sua vida como Agostinho de Hipona, ele foi um dos maiores pensadores da Patrística, formulando doutrinas como o pecado original, a graça divina e a predestinação. No plano espiritual, ele não renega essa herança, mas a amplia à luz da verdade espiritual revelada pelos Espíritos Superiores.

Na Codificação, percebemos ecos de sua antiga busca filosófica e teológica, mas agora com uma visão mais libertadora e universalista. Por exemplo:

- A ideia de que o mal é ausência do bem reaparece na explicação espírita da imperfeição como estágio transitório.

- A importância da graça se transforma na assistência dos bons Espíritos e na lei de progresso.
- A introspecção das *Confissões* se reflete no autoconhecimento como chave da reforma íntima.

Ou seja, há continuidade e superação: ele não abandona sua identidade cristã, mas a eleva com novos horizontes.

Como sua autoridade moral auxilia na credibilidade das mensagens espirituais

Santo Agostinho é uma figura de profunda autoridade moral, tanto histórica quanto espiritual. Como bispo, filósofo e convertido sincero, ele representa o homem que buscou, errou, aprendeu e se transformou. Como Espírito, essa trajetória o credencia a falar com legitimidade sobre reforma íntima, humildade e fé raciocinada.

Sua presença constante nas obras kardequianas transmite confiança. Conforme já dito, Kardec o cita nos *Prolegômenos* de *O Livro dos Espíritos* como um dos Espíritos que orientaram a Codificação. E o Espírito Erasto afirma que ele é um dos mais ativos divulgadores do Espiritismo.

Sua autoridade não vem apenas do nome, mas da coerência entre sua vida, suas ideias e sua atuação espiritual. Ele é, por excelência, um guia que fala com a voz da experiência e da elevação.

Mapeamento das Comunicações

O Livro dos Espíritos

- **Prolegômenos**: Santo Agostinho é citado como um dos Espíritos que colaboraram na elaboração da obra.
- **Questão 495**: Sobre os Espíritos protetores — ele comenta sobre a missão dos Espíritos familiares.

495. Poderá dar-se que o Espírito protetor abandone o seu protegido, por se lhe mostrar este rebelde aos conselhos?

"Afasta-se, quando vê que seus conselhos são inúteis e que mais forte é, no seu protegido, a decisão de submeter-se à influência dos Espíritos inferiores. Mas não o abandona completamente e sempre se faz ouvir. É então o homem quem tapa os ouvidos. O protetor volta desde que este o chame.
"É uma doutrina, esta, dos anjos guardiães, que, pelo seu encanto e doçura, deveria converter os mais incrédulos. Não vos parece grandemente consoladora a ideia de terdes sempre junto de vós seres que vos são superiores, prontos sempre a vos aconselhar e amparar, a vos ajudar na ascensão da abrupta montanha do bem; mais sinceros e dedicados amigos do que todos os que mais intimamente se vos liguem na Terra? Eles se acham ao vosso lado por ordem de Deus. Foi Deus quem aí os colocou e, aí permanecendo por amor de Deus, desempenham bela, porém penosa missão. Sim, onde quer que estejais, estarão convosco. Nem nos cárceres, nem nos hospitais, nem nos lugares de devassidão, nem na solidão, estais separados desses amigos a quem não

podeis ver, mas cujo brando influxo vossa alma sente, ao mesmo tempo que lhes ouve os ponderados conselhos.
"Ah! se conhecêsseis bem esta verdade! Quanto vos ajudaria nos momentos de crise! Quanto vos livraria dos maus Espíritos! Mas, oh! Quantas vezes, no dia solene, não se verá esse anjo constrangido a vos observar: "Não te aconselhei isto? Entretanto, não o fizeste. Não te mostrei o abismo? Contudo, nele te precipitaste! Não fiz ecoar na tua consciência a voz da verdade? Preferiste, no entanto, seguir os conselhos da mentira!" Oh! Interrogai os vossos anjos guardiães; estabelecei entre eles e vós essa terna intimidade que reina entre os melhores amigos. Não penseis em lhes ocultar nada, pois que eles têm o olhar de Deus e não podeis enganá-los. Pensai no futuro; procurai adiantar-vos na vida presente. Assim fazendo, encurtareis vossas provas e mais felizes tornareis as vossas existências. Vamos, homens, coragem! De uma vez por todas, lançai para longe todos os preconceitos e pensamentos ocultos. Entrai na nova senda que diante dos passos se vos abre. Caminhai! Tendes guias, segui-os, que não falhareis em atingir a meta, porquanto essa meta é o próprio Deus.
"Aos que considerem impossível que Espíritos verdadeiramente elevados se consagrem a tarefa tão laboriosa e de todos os instantes, diremos que nós vos influenciamos as almas, estando embora muitos milhões de léguas distantes de vós. O espaço, para nós, nada é, e não obstante viverem noutro mundo, os nossos Espíritos conservam suas ligações com os vossos. Gozamos de qualidades que não podeis compreender, mas ficai certos de que Deus não nos impôs tarefa superior às nossas forças e de que não vos deixou sós na Terra, sem amigos e sem amparo. Cada anjo guardião tem o seu protegido, pelo qual vela, como o pai pelo filho. Alegra-se, quando o vê no bom caminho; sofre, quando ele lhe despreza os conselhos.
"Não receeis fatigar-nos com as vossas perguntas. Ao contrário, procurai estar sempre em relação conosco. Sereis assim mais fortes e mais felizes. São essas comunicações de cada um com o seu Espírito familiar que fazem sejam médiuns todos os homens, médiuns ignorados hoje, mas que se manifestarão mais tarde e se espalharão qual oceano sem margens, levando de roldão a incredulidade e a ignorância. Homens doutos, instruí os vossos semelhantes; homens de talento, educai os vossos irmãos. Não imaginais que obra fazeis desse modo: a do Cristo, a que Deus vos impõe. Para que vos outorgou Deus a inteligência e o saber, senão para os repartirdes com os vossos irmãos, senão para fazerdes que se adiantem pela senda que conduz à bem-aventurança, à felicidade eterna?"

Comentário: Essa resposta atribuída ao Espírito Santo Agostinho é uma verdadeira ode à esperança e à responsabilidade espiritual. Ela parte de uma pergunta aparentemente simples — se o Espírito protetor pode abandonar seu tutelado — para desenvolver uma reflexão profunda sobre o livre-arbítrio, a paciência dos Espíritos superiores e o papel da consciência na jornada evolutiva.

O ponto central é claro: o Espírito protetor nunca abandona completamente aquele a quem acompanha. Mesmo quando o protegido se mostra surdo aos conselhos e opta pelas influências inferiores, o Espírito amigo apenas se afasta *temporariamente*, respeitando o livre-arbítrio, mas permanece em prontidão amorosa para quando for chamado de volta. Isso revela tanto o respeito quanto o amor dos Espíritos elevados por nós, não nos impõem, mas sempre nos acolhem quando os buscamos com sinceridade.

Agostinho enfatiza o consolo presente nessa doutrina: nunca estamos sozinhos. Mesmo nas situações mais difíceis ou nos ambientes mais sombrios, há uma presença espiritual amparadora ao nosso lado. A metáfora da "abrupta montanha do bem" reforça que nossa jornada é desafiadora, mas não solitária.

Um aspecto tocante é o convite à intimidade com o anjo guardião, que não é uma figura mística distante, mas um amigo espiritual verdadeiro, colocado ao nosso lado por Deus. A ideia de que "não penseis em lhes ocultar nada" torna essa relação ainda mais acessível, íntima e humana.

Ao final, Agostinho faz um apelo vibrante aos estudiosos, aos médiuns e aos que têm talentos: que usem seus dons para iluminar consciências, como parte da grande obra do Cristo. É quase um chamado à militância espiritual, serena e construtiva, baseada na fraternidade e na propagação da verdade.

Essa mensagem toca em camadas profundas da doutrina espírita: a intervenção dos Espíritos, a mediunidade, o papel educativo do sofrimento e a missão do conhecimento. Ela nos convida a ouvir mais atentamente a voz sutil da consciência — que tantas vezes é a do nosso protetor espiritual.

Questão 919: Uma das mais célebres respostas da obra, sobre o autoconhecimento como caminho para o aperfeiçoamento moral.

919. Qual o meio prático mais eficaz para se melhorar nesta vida e resistir ao arrastamento do mal?

— Um sábio da Antiguidade vos disse: "Conhece-te a ti mesmo".

a) – Conhecemos toda a sabedoria desta máxima; porém a dificuldade está precisamente em cada um conhecer-se a si mesmo. Qual o meio de consegui-lo?

"Fazei o que eu fazia quando vivi na Terra: ao fim do dia, interrogava a minha consciência, passava revista ao que fizera e perguntava a mim mesmo se não faltara a algum dever, se ninguém tivera motivo para de mim se queixar. Foi assim que cheguei a me conhecer e a ver o que em mim precisava de reforma. Aquele que, todas as noites, evocasse todas as ações que praticou durante o dia e inquirisse de si mesmo o bem ou o mal que fez, rogando a Deus e ao seu anjo guardião que o esclarecessem, grande força adquiriria para se aperfeiçoar, porque, crede-me, Deus o assistiria. Dirigi, pois, a vós mesmos perguntas, interrogai-vos sobre o que tendes feito e com que objetivo procedestes em tal ou tal circunstância, sobre se fizestes alguma coisa que, feita por outrem, censuraríeis, sobre se obrastes alguma ação que não ousaríeis confessar. Perguntai ainda mais: "Se aprouvesse a Deus chamar-me neste momento, teria que temer o olhar de alguém, ao entrar de novo no mundo dos Espíritos, onde nada pode ser ocultado?" Examinai o que pudestes ter obrado contra Deus, depois contra o vosso próximo e, finalmente, contra vós mesmos. As respostas vos darão, ou o descanso para a vossa consciência, ou a indicação de um mal que precise ser curado.

"O conhecimento de si mesmo é, portanto, a chave do progresso individual. Mas, direis, como há de alguém julgar-se a si mesmo? Não está aí a ilusão do amor-próprio para atenuar as faltas e torná-las desculpáveis? O avarento se considera apenas econômico e previdente; o orgulhoso julga que em si só há dignidade. Isto é muito real, mas tendes um

meio de verificação que não pode iludir-vos. Quando estiverdes indecisos sobre o valor de uma de vossas ações, inquiri como a qualificaríeis, se praticada por outra pessoa. Se a censurais noutrem, não a podereis ter por legítima quando fordes o seu autor, pois que Deus não usa de duas medidas na aplicação de Sua justiça. Procurai também saber o que dela pensam os vossos semelhantes e não desprezeis a opinião dos vossos inimigos, porquanto esses nenhum interesse têm em mascarar a verdade, e Deus muitas vezes os coloca ao vosso lado como um espelho, a fim de que sejais advertidos com mais franqueza do que o faria um amigo. Perscrute, conseguintemente, a sua consciência aquele que se sinta possuído do desejo sério de melhorar-se, a fim de extirpar de si os maus pendores, como do seu jardim arranca as ervas daninhas. Faça o balanço de seu dia moral, como o comerciante faz o de suas perdas e seus lucros; e eu vos asseguro que a primeira operação será mais proveitosa do que a segunda. Se puder dizer que foi bom o seu dia, poderá dormir em paz e aguardar sem receio o despertar na outra vida.

"Formulai, pois, de vós para convosco, questões nítidas e precisas e não temais multiplicá-las. Justo é que se gastem alguns minutos para conquistar uma felicidade eterna. Não trabalhais todos os dias com o fito de juntar haveres que vos garantam repouso na velhice? Não constitui esse repouso o objeto de todos os vossos desejos, o fim que vos faz suportar fadigas e privações temporárias? Ora, que é esse descanso de alguns dias, turbado sempre pelas enfermidades do corpo, em comparação com o que espera o homem de bem? Não valerá este outro a pena de alguns esforços? Sei haver muitos que dizem ser positivo o presente e incerto o futuro. Ora, esta exatamente a ideia que estamos encarregados de eliminar do vosso íntimo, visto desejarmos fazer que compreendais esse futuro, de modo a não restar nenhuma dúvida em vossa alma. Por isso foi que primeiro chamamos a vossa atenção por meio de fenômenos capazes de ferir-vos os sentidos e que agora vos damos instruções, que cada um de vós se acha encarregado de espalhar. Com este objetivo é que ditamos O Livro dos Espíritos."

Comentário: Essa mensagem é um verdadeiro tratado de ética prática espiritual. Nela, o Espírito Santo Agostinho revela sua maturidade moral e sua lucidez iluminada pela vida no além, oferecendo um método claro e acessível para o aperfeiçoamento interior: o exame de consciência diário.

Esse conselho é profundamente significativo quando comparado ao Agostinho de Hipona. Enquanto bispo, ele já refletia sobre a luta interior entre o bem e o mal — vide suas Confissões — mas agora, como Espírito, ele vai além da introspecção filosófica. Ele propõe uma prática sistemática, quase pedagógica, de autoconhecimento: revisar as ações do dia, analisar intenções, reconhecer falhas e buscar a orientação de Deus e do anjo guardião.

A força dessa orientação está na sua simplicidade e profundidade. Agostinho dá uma ferramenta ao alcance de qualquer pessoa, de qualquer religião ou grau de instrução: interrogar-se honestamente. Ele alerta contra o autoengano, tão comum quando o orgulho disfarça vícios de virtudes, e sugere um antídoto genial: observar como julgamos os outros. Essa inversão de perspectiva — aplicar a outros nossos próprios atos — desmonta as justificativas do ego.

Outro ponto marcante é a visão de progresso como *cultivo moral*. A metáfora do jardim pessoal que precisa ser limpo das más ervas reforça a ideia de esforço cotidiano e

paciente. Como ele mesmo diz: o balanço da jornada moral pode ser mais valioso do que qualquer lucro material.

E, talvez o mais revelador em termos doutrinários: Agostinho fala diretamente sobre seu papel como Espírito revelador. Ele assume que foi encarregado de dissipar dúvidas sobre o futuro espiritual e que essa tarefa justificou sua participação na obra codificadora. Isso mostra sua adesão plena à proposta espírita, como uma continuidade ampliada do seu compromisso com a verdade e com Cristo.

Esse Agostinho é profundamente humilde, realista e ainda mais próximo dos corações. Ele não oferece fórmulas mágicas, mas um exercício sincero de consciência, em sintonia com a justiça e a misericórdia divinas.

- **Questão 1009**: Reflexão sobre as penas eternas e a justiça divina.

Assim, as penas impostas jamais o são por toda a eternidade?

"Interrogai o vosso bom senso, a vossa razão e perguntai-lhes se uma condenação perpétua, motivada por alguns momentos de erro, não seria a negação da bondade de Deus. Que é, com efeito, a duração da vida, ainda quando de cem anos, em face da eternidade? Eternidade! Compreendeis bem esta palavra? Sofrimentos, torturas sem-fim, sem esperanças, por causa de algumas faltas! O vosso juízo não repele semelhante ideia? Que os antigos tenham considerado o Senhor do Universo um Deus terrível, cioso e vingativo, concebe-se. Na ignorância em que se achavam, atribuíam à divindade as paixões dos homens. Esse, todavia, não é o Deus dos cristãos, que classifica como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia, o esquecimento das ofensas. Poderia Ele carecer das qualidades, cuja posse prescreve, como um dever, às suas criaturas? Não haverá contradição em se lhe atribuir a bondade infinita e a vingança também infinita? Dizeis que, acima de tudo, Ele é justo e que o homem não lhe compreende a justiça, mas a justiça não exclui a bondade e Ele não seria bom se condenasse a eternas e horríveis penas a maioria das suas criaturas. Teria o direito de fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se lhes não desse meio de compreendê-la? Aliás, no fazer que a duração das penas dependa dos esforços do culpado não está toda a sublimidade da justiça unida à bondade? Aí é que se encontra a verdade desta sentença: 'A cada um segundo as suas obras'."

Comentário: Essa mensagem de Santo Agostinho na Questão 1009 de O Livro dos Espíritos é um dos pontos mais poderosos e revolucionários da doutrina espírita no que se refere à concepção de Deus e à justiça divina. Ela confronta de forma clara a noção teológica tradicional das penas eternas com argumentos baseados na razão, no bom senso e — talvez o mais notável — na coerência moral.

Agostinho, agora Espírito esclarecido, apresenta uma reflexão que corrige visões anteriores associadas a um Deus punitivo e colérico, visão que, aliás, ele próprio em vida contribuiu para estabelecer dentro da teologia cristã, especialmente com sua doutrina do inferno e da predestinação. Mas aqui, liberto das limitações teológicas da época, ele declara com firmeza: *não há justiça verdadeira sem bondade, nem bondade verdadeira com castigos eternos*.

Ao levantar a questão da eternidade como punição por erros cometidos num período tão breve quanto a vida humana, ele nos convida a sentir o peso dessa desproporção. E sua

resposta, marcada por lucidez e compaixão, diz: *isso não é compatível com um Deus que é amor, misericórdia e perdão*.

A lógica espiritual que Santo Agostinho defende neste trecho é profundamente libertadora: *as penas existem, sim — mas são proporcionais, educativas, transitórias e sempre subordinadas ao esforço do Espírito em se regenerar*. Isso representa uma justiça que se harmoniza perfeitamente com a bondade divina.

O ápice da resposta está nessa síntese arrebatadora: *"A cada um segundo as suas obras."* — uma máxima evangélica reinterpretada à luz do progresso espiritual contínuo. Cada Espírito será responsável pelas próprias escolhas, mas jamais condenado sem fim. O arrependimento, a reparação e a expiação são, juntos, o caminho para o reequilíbrio.

Ao trazer essa nova visão, Agostinho demonstra, de forma quase comovente, o quanto seu pensamento evoluiu. Ele agora serve como instrumento da esperança e do discernimento, ajudando a libertar consciências do medo e da culpa eternizados, para conduzi-las à responsabilidade madura e à confiança na misericórdia de Deus.

O Evangelho Segundo o Espiritismo

Santo Agostinho assina diversas instruções dos Espíritos, entre elas:

- **Capítulo III – Há muitas moradas na casa de meu Pai**
  - ✓ Itens 13 a 19: *Mundos de expiações e provas*, *Mundos regeneradores*, *Progressão dos mundos*.

Mundos de expiações e de provas.

13. Que vos direi dos mundos de expiações que já não saibais, pois basta observeis o em que habitais? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo constituem a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso os colocou Deus num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que hajam merecido ascender a um planeta mais ditoso.

14. Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semicivilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso. São elas, de certo modo, raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos seculares, algumas das quais hão podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação, se nos podemos exprimir dessa forma, são exóticos na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua obstinação no mal e por se haverem constituído, em tais mundos, causa de perturbação para os bons.

Tiveram de ser degredados, por algum tempo, para o meio de Espíritos mais atrasados, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.

15. A Terra, conseguintemente, oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como caráter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo redunde em proveito do progresso do Espírito. — Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

Mundos regeneradores.

16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também os há mais miseráveis e melhores, como os há de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já se vos há falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada, quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus, senhora de si mesma, na posse do livre-arbítrio. Já também se vos revelou de que amplas faculdades é dotada a alma para praticar o bem. Mas, ah! há as que sucumbem, e Deus, que não as quer aniquiladas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frontes, vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para ele, cumprindo-lhe as leis.

Nesses mundos, todavia, ainda não existe a felicidade perfeita, mas a aurora da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as pungentes angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a convalescença após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem divisa, melhor do que vós, o futuro; compreende a existência de outros gozos prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo ceifado os corpos, a fim de lhes outorgar a verdadeira vida. Então, liberta, a alma pairará acima de todos os horizontes.

Não mais sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanações do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam.

18. Mas, ah! nesses mundos, ainda falível é o homem e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam.
Contemplai, pois, à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indagai de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra. —Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

Progressão dos mundos.

19. O progresso é lei da natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que aos homens parece o termo final de todas as coisas, é apenas um meio de se chegar, pela transformação, a um estado mais perfeito, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento.
Ao mesmo tempo que todos os seres vivos progridem moralmente, progridem materialmente os mundos em que eles habitam. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituí-lo, vê-lo-ia a percorrer uma escala incessantemente progressiva, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, porquanto nada em a natureza permanece estacionário. Quão grandiosa é essa ideia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solicitude e a sua providência no imperceptível grão de areia, que é a Terra, e restringe a humanidade aos poucos homens que a habitam!
Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele há chegado a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudar-se-á em planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele imperará a lei de Deus. — Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

Comentário: Essa sequência de mensagens ditadas por Santo Agostinho é um verdadeiro tratado da cosmologia moral espírita — e um convite à esperança lúcida. Elas nos oferecem uma visão grandiosa da jornada do Espírito e do papel dos mundos no processo de depuração da alma.

1. A Terra como mundo de expiações e de provas

Agostinho inicia com uma constatação desconcertante: basta olhar ao redor para perceber que habitamos um mundo de dificuldades, contrastes morais e desafios educativos. A Terra não é mais um planeta primitivo, mas tampouco é um lar para Espíritos altamente adiantados, é um lugar de luta, onde há certa inteligência, mas ainda muita imperfeição moral.

O ponto mais forte aqui talvez seja a ideia de que Espíritos exilados de outros orbes, — devido à rebeldia e à perturbação que causaram — são recebidos aqui. Isso traz uma chave de leitura fascinante: aqueles que mais sofrem aqui podem ser, paradoxalmente, os mais adiantados em termos intelectuais, mas que precisam ajustar-se moralmente. É o sofrimento com sensibilidade que os caracteriza.

2. Mundos regeneradores: o alvorecer da paz espiritual

Quando Agostinho descreve os mundos regeneradores, ele nos dá um vislumbre do que pode vir após o estágio de provas: planetas onde já se respira amor e justiça social. Neles, a humanidade ainda tem corpo, ainda sente, mas não mais se vê escravizada por paixões desordenadas. A moral começa a florescer de forma mais estável.

Um trecho belíssimo é quando ele diz que nesses mundos, "a palavra amor está escrita em todas as frontes", isso já indica um campo vibracional muito diferente do nosso. E mesmo assim, ele é realista: **o** mal ainda ronda, ainda há riscos, e se o Espírito falhar, pode regredir.

Esses mundos representam uma espécie de convalescença moral, como ele mesmo coloca: são o descanso após as tempestades das encarnações mais intensas. O destino ideal após a Terra, e um estímulo para seguirmos lutando pelo nosso aprimoramento.

3. Progressão dos mundos: a evolução universal

Aqui, Agostinho costura os dois tópicos anteriores com um fio dourado: o da lei do progresso. Ele declara que tudo — absolutamente tudo — caminha para frente, avança, refina-se. Essa visão de evolução integrada do Espírito, da matéria e dos mundos ressoa com uma das mais belas perspectivas filosóficas do Espiritismo.

Ao dizer que *"tudo morre para renascer"*, Agostinho transforma a morte em renovação e aponta para um futuro em que a própria Terra se tornará um mundo regenerador. Ela não está condenada à dor eterna, é um organismo em transformação, assim como nós.

Essa cosmologia moral e dinâmica contrasta radicalmente com o mundo fixo e dualista que ele, Agostinho de Hipona, ajudou a construir teologicamente na Antiguidade. Agora, como Espírito esclarecido, ele nos revela uma pedagogia cósmica baseada na justiça, mas embebida em misericórdia.

- **Capítulo V – Bem-aventurados os aflitos**
    - ✓ Item 19: *O mal e o remédio*.

O mal e o remédio.

Será a Terra um lugar de gozo, um paraíso de delícias? Já não ressoa mais aos vossos ouvidos a voz do profeta? Não proclamou ele que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Esperai, pois, todos vós que aí viveis, causticantes lágrimas e amargo sofrer e, por mais agudas e profundas sejam as vossas dores, volvei o olhar para o Céu e bendizei do Senhor por ter querido experimentar-vos. . . Ó homens! dar-se-á não reconheçais o poder do vosso Senhor, senão quando ele vos haja curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Dar-se-á não reconheçais o seu amor, senão quando vos tenha adornado o corpo de todas as glórias e

lhe haja restituído o brilho e a brancura? Imitai aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da abjeção e da miséria, deitado sobre uma estrumeira, disse ele a Deus: "Senhor, conheci todos os deleites da opulência e me reduzistes à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!" Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Houvésseis de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso, a par da eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Buscai consolações para os vossos males no porvir que Deus vos prepara e procurai-lhe a causa no passado. E vós, que mais sofreis, considerai-vos os afortunados da Terra.
Como desencarnados, quando pairáveis no espaço, escolhestes as vossas provas, julgando-vos bastante fortes para as suportar. Por que agora murmurar? Vós, que pedistes a riqueza e a glória, queríeis sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vós, que pedistes para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabíeis que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfásseis, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de rutilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.
Que remédio, então, prescrever aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior acerbidade dos vossos sofrimentos, entoardes hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocupareis. . . A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Não nos perguntei s, portanto, qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrai-vos de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as pungitivas angústias da aflição.
O Senhor pôs o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a sua égide e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo que, enquanto se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.
Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças.

Santo Agostinho.
Paris, 1863.

Comentário: Esse trecho — talvez um dos mais comoventes atribuídos ao Espírito Santo Agostinho — é um verdadeiro hino à pedagogia espiritual da dor e à força redentora da fé. Ele responde à aflição com uma visão elevada e profundamente consoladora: a dor não é castigo, mas caminho; e a fé, o remédio que transforma a agonia em libertação.

Perceba que Agostinho não romantiza o sofrimento — ele o reconhece em toda a sua intensidade. Fala de lágrimas causticantes, de miséria extrema, de corpos dilacerados. Mas esse cenário dramático é o pano de fundo para a grande virada moral: a alma, ao aceitar com amor e fé as provas que ela mesma escolheu, se ergue, se alivia, se sublima. É o sofrimento convertido em vitória.

Esse é um Agostinho profundamente maduro espiritualmente, distante daquele bispo de Hipona que enxergava o sofrimento como consequência direta do pecado original herdado. Agora ele revela uma visão ativa e libertadora da dor: escolhemos as provas antes de nascer, confiando em nossas forças para superá-las — e nelas se encontra a oportunidade de purificação e engrandecimento.

O exemplo do personagem deitado sobre a estrumeira (uma provável referência ao patriarca Jó) ilustra esse amor elevado que transcende a dor. Ele agradece a Deus não pela cura ou pela bonança, mas pela oportunidade de provar sua fidelidade mesmo na miséria. Isso é o ápice da maturidade espiritual.

A mensagem também traz um apelo direto: *até quando prenderemos nosso olhar à morte?* Essa é uma provocação forte — ele nos chama a olhar para além da existência material, a lançar a alma "para além dos limites de um túmulo".

E a fé, aqui, surge como instrumento de visão espiritual. Para Agostinho, quem crê verdadeiramente já não está preso ao sofrimento, porque a fé aponta horizontes infinitos, ante os quais as dores do mundo se tornam brumas passageiras. Ele afirma com intensidade: *quem tem fé não mais sofre.*

Essa fala sintetiza com beleza a essência do Espiritismo: confiança em Deus, na justiça das provações, na imortalidade da alma e no porvir como alívio e compensação. Uma nova teologia do consolo.

- **Capítulo XII – Amai os vossos inimigos**
    - ✓ Itens 12: *O duelo*.

O Duelo.

Em certos casos, sem dúvida, pode o duelo constituir uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas. Não vos disse o Cristo que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita, do que em vingar uma injúria? Não disse ele a Pedro, no jardim das Oliveiras: "Mete a tua espada na bainha, porquanto aquele que matar com a espada perecerá pela espada?" Assim falando, não condenou, para sempre, o duelo? Efetivamente, meus filhos, que é essa coragem oriunda de um gênio violento, de um temperamento sanguíneo e colérico, que ruge à primeira ofensa? Onde a grandeza d'alma daquele que, à menor injúria, entende que só com sangue a poderá lavar? Ah! que ele trema! No fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: Caim! Caim! que fizeste de teu irmão? Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra, responderá ele a essa voz. Ela, porém, retrucará: Procuraste salvá-la perante os homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus! Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vós o Cristo, por todos os ultrajes que recebeu! Não só o feristes com os espinhos e a lança, não só o pregastes num madeiro infamante, como também o fizestes ouvir, em meio de sua agonia atroz, as zombarias que lhe prodigalizastes. Que reparação a tantos insultos vos pediu ele? O último brado do cordeiro foi uma súplica em favor dos seus algozes! Oh! como ele, perdoai e orai pelos que vos ofendem.
Amigos, lembrai-vos deste preceito: "Amai-vos uns aos outros" e, então, a um golpe

desferido pelo ódio respondereis com um sorriso, e ao ultraje com o perdão. O mundo, sem dúvida, se levantará furioso e vos tratará de covardes; erguei bem alto a fronte e mostrai que também ela se não temeria de cingir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas, que a vossa mão não quer ser cúmplice de um assassínio autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e amor-próprio. Dar-se-á que, ao criar-vos, Deus vos outorgou o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não, só à Natureza conferiu ele esse direito, para se reformar e reconstruir; quanto a vós, não permite, sequer, que disponhais de vós mesmos. Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se ele ameaçou com a sua justiça aquele que disser raca a seu irmão, quão mais severa não será a pena que comine ao que chegar à sua presença com as mãos tintas do sangue de seu irmão!
Santo Agostinho.
Paris, 1862.

Comentário: Aqui vemos um Santo Agostinho que, mais do que nunca, assume o papel de educador moral das consciências, tocando fundo na relação entre honra, violência e verdadeira grandeza espiritual.

A comparação que ele traça entre o suicida e o duelista é ousada, mas muito coerente com a lógica espírita: ambos falham moralmente diante das provas da vida. Um não suporta os próprios sofrimentos; o outro, as ofensas alheias. Em ambos os casos, o orgulho se sobrepõe à humildade e ao dever.

É marcante como Agostinho resgata os ensinos do Cristo — sobretudo o *"aquele que com ferro fere, com ferro será ferido"* — para mostrar que a violência, mesmo quando disfarçada de "valentia", é uma negação do Evangelho. O perdão, por mais difícil, é o verdadeiro sinal de força. E ele utiliza uma poderosa imagem de consciência atormentada — a voz interior gritando "Caim! Caim!" — para ilustrar o peso que esse tipo de escolha traz ao Espírito.

É também notável o contraste que Agostinho propõe entre a "honra diante dos homens" e a verdadeira dignidade diante de Deus. O duelista pode se vangloriar por um instante entre seus pares terrenos, mas comparecerá ensanguentado ao tribunal da consciência divina. A crítica aqui não é apenas contra o ato em si, mas contra a ilusão social que o sustenta, o falso ideal de masculinidade e valentia.

E ele encerra com um apelo belíssimo ao amor e à não violência, convidando os que sofrem ultrajes a reagirem com o "sorriso do Cristo" e a não se deixarem contaminar pela lógica do mundo. Há aqui um traço profundamente franciscano — ou melhor, cristocêntrico — no Agostinho espiritual: o perdão é apresentado como ato heroico e libertador, a única "vingança" admissível.

Esse posicionamento se afasta radicalmente do Agostinho de Hipona, que, embora também condenasse a violência, ainda vivia em uma cultura onde certos códigos de honra eram, de algum modo, tolerados ou até elogiados. O Espírito Santo Agostinho, por sua vez, não hesita: ele condena o duelo com veemência, chamando-o de "assassínio autorizado pelo orgulho".

- **Capítulo XIV – Honrai a vosso pai e a vossa mãe**
  - ✓ Item 9: *Ingratidão dos filhos e os laços de família*.

A ingratidão dos filhos e os laços de família

9. *A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os corações honestos. Mas, a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. É, em particular, desse ponto de vista que a vamos considerar, para lhe analisar as causas e os efeitos. Também nesse caso, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.*

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é dado entrevejam uma partícula da verdade; apreciam então as funestas conseqüências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, uma só é a senha: caridade. Ora, não há caridade sem esquecimento dos ultrajes e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante inaudito esforço, conseguem tais Espíritos observar os a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, a animosidade se lhes desperta no íntimo; revoltam-se à ideia de perdoar, e, ainda mais, à de abdicarem de si mesmos, sobretudo à de amarem os que lhes destruíram, quiçá, os haveres, a honra, a família. Entretanto, abalado fica o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova.

Por fim após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos incumbidos de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se. Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contacto com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro sucumbe, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. É como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Nada, com efeito, naquela existência há podido provocar semelhante antipatia; para se lhe apreender a causa, necessário se torna volver o olhar ao passado.

Ó espíritas! Compreendei agora o grande papel da Humanidade; compreendei que, quando produzis um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; inteirai-vos dos vossos deveres e ponde todo o vosso amor em aproximar de Deus essa alma; tal a missão que vos está confiada e cuja recompensa recebereis, se fielmente a cumprirdes. Os vossos cuidados e a educação que lhe dareis auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrai-vos de que a cada pai e a cada mãe perguntará Deus: Que fizestes do filho confiado à vossa guarda? Se por culpa vossa ele se conservou atrasado, tereis como castigo vê-lo entre os Espíritos sofredores, quando de vós dependia que fosse ditoso. Então, vós mesmos, assediados de remorsos, pedireis vos

seja concedido reparar a vossa falta; solicitareis, para vós e para ele, outra encarnação em que o cerqueis de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, vos retribuirá com o seu amor.

Não escorraceis, pois, a criancinha que repele sua mãe, nem a que vos paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e que vo-la deu. Imperfeita intuição do passado se revela, do qual podeis deduzir que um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães! Abraçai o filho que vos dá desgostos e dizei convosco mesmas: Um de nós dois é culpado. Fazei-vos merecedoras dos gozos divinos que Deus conjugou à maternidade, ensinando aos vossos filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Mas, oh! muitas dentre vós, em vez de eliminar por meio da educação os maus princípios inatos de existências anteriores, entretêm e desenvolvem esses princípios, por uma culposa fraqueza, ou por descuido, e, mais tarde, o vosso coração, ulcerado pela ingratidão dos vossos filhos, será para vós, já nesta vida, um começo de expiação.
A tarefa não é tão difícil quanto vos possa parecer. Não exige o saber do mundo. Podem desempenhá-la assim o ignorante como o sábio, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana.
Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. A estudá-los devem os pais aplicar-se. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho. Espreitem, pois, os pais os menores indícios reveladores do gérmen de tais vícios e cuidem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que corta os rebentos defeituosos à medida que os vê apontar na árvore. Se deixarem se desenvolvam o egoísmo e o orgulho, não se espantem de serem mais tarde pagos com a ingratidão. Quando os pais hão feito tudo o que devem pelo adiantamento moral de seus filhos, se não alcançam êxito, não têm de que se inculpar a si mesmos e podem conservar tranquila a consciência. À amargura muito natural que então lhes advém da improdutividade de seus esforços, Deus reserva grande e imensa consolação, na certeza de que se trata apenas de um retardamento, que concedido lhes será concluir noutra existência a obra agora começada e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, nº 19.)
Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas. Se tal não sucede, não é que falte possibilidade: falta a vontade. Com efeito, quantos há que, em vez de resistirem aos maus pendores, se comprazem neles. A esses ficam reservados o pranto e os gemidos em existências posteriores. Admirai, no entanto, a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Vem um dia em que ao culpado, cansado de sofrer, com o orgulho afinal abatido, Deus abre os braços para receber o filho pródigo que se lhe lança aos pés. As provas rudes, ouvi-me bem, são quase sempre indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus. É um momento supremo, no qual, sobretudo, cumpre ao Espírito não falir murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recomeçar. Em vez de vos queixardes, agradecei a Deus o ensejo que vos proporciona de vencerdes, a fim de vos deferir o prêmio da vitória. Então, saindo do turbilhão do mundo terrestre, quando entrardes no mundo dos Espíritos, sereis aí aclamados como o soldado que sai triunfante da refrega.
De todas as provas, as mais duras são as que afetam o coração. Um, que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, sucumbe ao peso das amarguras domésticas, pungido da ingratidão dos seus. Oh! que pungente angústia essa! Mas, em

tais circunstâncias, que mais pode, eficazmente, restabelecer a coragem moral, do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se bem haja prolongados despedaçamentos d'alma, não há desesperos eternos, porque não é possível seja da vontade de Deus que a sua criatura sofra indefinidamente? Que de mais reconfortante, de mais animador do que a ideia que de cada um dos seus esforços é que depende abreviar o sofrimento, mediante a destruição, em si, das causas do mal? Para isso, porém, preciso se faz que o homem não retenha na Terra o olhar e só veja uma existência; que se eleve, a pairar no infinito do passado e do futuro. Então, a justiça infinita de Deus se vos patenteia, e esperais com paciência, porque explicável se vos torna o que na Terra vos parecia verdadeiras monstruosidades. As feridas que aí se vos abrem, passais a considerá-las simples arranhaduras. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família se vos apresentam sob seu aspecto real. Já não vedes, a ligar-lhes os membros, apenas os frágeis laços da matéria; vedes, sim, os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e consolidam com o depurarem-se, em vez de se quebrarem por efeito da reencarnação.

Formam famílias os Espíritos que a analogia dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a reunir-se. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem, como o fazem no espaço, originando-se daí as famílias unidas e homogêneas. Se, nas suas peregrinações, acontece ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a encontrar-se, venturosos pelos novos progressos que realizaram. Mas, como não lhes cumpre trabalhar apenas para si, permite Deus que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso. Esses Espíritos se tornam, por vezes, causa de perturbação no meio daqueles outros, o que constitui para estes a prova e a tarefa a desempenhar.

Acolhei-os, portanto, como irmãos; auxiliai-os, e depois, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo alguns náufragos que, a seu turno, poderão salvar outros.

– Santo Agostinho. (Paris, 1862.)

Comentário: Essa mensagem é uma das mais densas e emocionantes que Santo Agostinho transmite na codificação. Ela explora um dos dramas humanos mais profundos: a ingratidão dos filhos, e o faz à luz do Espiritismo, oferecendo não só consolo, mas uma reinterpretação regeneradora das dores familiares.

Agostinho trata o tema com coragem moral, revelando que esse tipo de sofrimento, por mais pungente que seja, tem raízes espirituais e reencarnatórias. A ingratidão — especialmente dentro dos laços de sangue — é vista aqui como um sinal claro de que antigas mágoas, ódios ou ofensas estão em jogo, arrastadas de existências passadas. É revelador que ele diga: *"Um de nós dois é culpado"* — ou seja, as relações difíceis entre pais e filhos não são acidentes, mas provas redentoras ou reencontros para reconciliação.

A explicação reencarnacionista é iluminadora: o Espírito pode reencarnar justamente no seio familiar de alguém que ofendeu ou detestou, numa tentativa de reaproximação e cura. E é essa convivência íntima, no ambiente da afetividade forçada pela maternidade ou paternidade, que gera o campo fértil para o perdão. Mas esse reencontro, como Agostinho mostra, não é garantia de sucesso: o Espírito pode falhar na prova, cedendo novamente ao orgulho.

A fala também toca profundamente na responsabilidade educativa dos pais. Longe de um discurso punitivo, Agostinho os exorta a perceberem que educar é um ato de amor e reparação coletiva. E o alerta é claro: se os pais negligenciam a formação moral dos filhos — permitindo que egoísmo e orgulho se desenvolvam — não podem depois se queixar da ingratidão. O cultivo começa nos pequenos gestos.

E talvez o ponto mais comovente da mensagem seja quando ele afirma que as provas que tocam o coração são as mais duras. Um pai pode aguentar a fome, a doença, a privação — mas ver seu amor rejeitado é ferida de alma. E é aí que o Espiritismo aparece como bálsamo: ele mostra que nenhuma dor é eterna, que tudo tem causa e que o amor investido nunca se perde.

Ao final, Agostinho enaltece os laços espirituais da família — que sobrevivem à morte, que se reorganizam através das encarnações e que representam uma rede de amparo e crescimento mútuo. O ingrato de hoje pode ser o redentor de amanhã. E cada renascimento é uma nova chance de reatar, elevar e amar.

- **Capítulo XXVII – Pedi e obtereis**
    - ✓ Item 23: *Alegria da prece*.

Felicidade que a prece proporciona.

23. Vinde, vós que desejais crer. Os Espíritos celestes acorrem a vos anunciar grandes coisas. Deus, meus filhos, abre os seus tesouros, para vos outorgar todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubésseis quão grande bem faz a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! A prece! Ah! como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que aplaca o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós, já não há mistérios; eles se vos desvendam. Apóstolos do pensamento, é para vós a vida. Vossa alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem. Avançai, avançai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estrídulos da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos vossos bosques. Por entre que delícias não caminhareis! A vossa linguagem não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os vossos poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que, orando, se bebe. Dulçorosas vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carnais, são divinas todas as aspirações. Também vós, orai como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a vossa cruz e sentireis as doces emoções que lhe perpassavam n'alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai.
Santo Agostinho.
Paris, 1861.

Comentário: Essa mensagem é um verdadeiro cântico da espiritualidade sobre a potência transformadora da prece, e revela um aspecto místico e elevado do pensamento de Santo Agostinho enquanto Espírito esclarecido. Aqui, ele nos convida não apenas a orar, mas a experimentar a prece como uma imersão viva na harmonia celeste.

A metáfora da prece como *"orvalho divino"* que acalma as paixões é profundamente sensível. Agostinho a apresenta como filha primogênita da fé — uma consequência direta da confiança em Deus — e como um canal de ligação imediata com o mundo espiritual. Esse é um ponto crucial na evolução do pensamento agostiniano: se na vida terrena ele buscava Deus pela razão e pelo conflito interno, aqui ele mostra que a comunhão com o divino se dá por elevação do sentimento, pelo silêncio recolhido do coração orante.

Há também um lirismo arrebatador nessa descrição: vozes dos anjos, liras dos arcanjos, brisas matinais... Tudo isso nos leva a compreender que a prece, para o Espírito elevado, não é apenas um ato, mas um estado de ser, um mergulho em regiões vibracionais de paz. É uma experiência quase estética do amor divino.

Ao citar Jesus a caminho do Calvário, Agostinho insere o sofrimento humano dentro da experiência da prece: mesmo sob o peso da cruz, a prece pode gerar serenidade, lucidez e doçura. É uma associação poderosa — a prece como fonte de força para transformar a dor em luz, à semelhança do Cristo.

Esse trecho também mostra como o Espírito Agostinho se distanciou das noções de culpa, penitência e temor — centrais em seus escritos como bispo de Hipona — para abraçar uma espiritualidade de êxtase, delicadeza e beleza moral.

O Livro dos Médiuns

- **Capítulo XXXI – Dissertações espíritas**
    - ✓ Item I: *Acerca do Espiritismo*.

Confiai na bondade de Deus e sede bastante clarividentes para perceberdes os preparativos da nova vida que ele vos destina. Não vos será dado, é certo, gozá-la nesta existência; porém, não sereis ditosos, se não tornardes a viver neste globo, por poderdes considerar do alto que a obra, que houverdes começado, se desenvolve sob as vossas vistas? Couraçai-vos de fé firme e inabalável contra os obstáculos que, ao que parece, hão de levantar-se contra o edifício cujos fundamentos pondes. São sólidas as bases em que ele assenta: a primeira pedra colocou-a o Cristo. Coragem, pois, arquitetos do divino Mestre! Trabalhai, construí! Deus vos coroará a obra. Mas, lembrai-vos bem de que o Cristo renega, como seu discípulo, todo aquele que só nos lábios tem a caridade. Não basta crer; é preciso, sobretudo, dar exemplos de bondade, de tolerância e de desinteresse, sem o que estéril será a vossa fé.
Santo Agostinho.

Comentário: Essa belíssima exortação de Santo Agostinho encerra em poucas linhas o espírito do Espiritismo em sua dimensão mais ativa, comprometida e transformadora. É uma mensagem que mistura profecia, responsabilidade e um chamado profundo à ação moral.

Agostinho se dirige aqui aos trabalhadores da seara espírita com um tom paternal e ao mesmo tempo vibrante: vocês não verão os frutos agora, mas confiem, estão lançando os alicerces de uma nova era. E essa perspectiva é muito compatível com sua condição espiritual esclarecida: ele já não vê apenas uma geração ou uma vida, mas o *encadeamento das existências e a construção coletiva do progresso moral da Humanidade*.

Ele também deixa muito claro que a fé, por si só, não tem valor se não for acompanhada por atos concretos de caridade, tolerância e desprendimento. Essa ênfase prática — "não basta crer" — ecoa de forma cristalina os ensinamentos do Cristo e revela um Agostinho afinado com a ética espírita, que valoriza o serviço, o testemunho e o esforço constante.

A imagem dos trabalhadores como "arquitetos do divino Mestre" é lindamente simbólica. Ela mostra que o Espiritismo não é apenas doutrina para estudo, mas plano de reconstrução do mundo — e de reconstrução de si mesmo. Quem serve ao Cristo não apenas edifica templos espirituais: reforma o próprio caráter para que nele habite a luz.

Esse Agostinho não é mais apenas o doutor da graça que exaltava os méritos divinos, mas um missionário lúcido que clama pela *cooperação humana ativa com Deus*. O Reino dos Céus não se herda passivamente — se constrói com fé viva, coragem perseverante e amor que se traduz em atitudes.

- ✓ Item XVI: *Sobre as sociedades espíritas*.

Por que não começais as vossas sessões por uma invocação geral, uma como prece, que disponha ao recolhimento? Porque, ficai sabendo, sem o recolhimento, só tereis comunicações levianas; os bons Espíritos só vão aonde os chamam com fervor e sinceridade. É o que ainda os homens não compreendem bastante. Cabe-vos, pois, dar o exemplo, vós que, se o quiserdes, podereis tornar-vos uma das colunas do novo edifício. Observamos com prazer os vossos trabalhos e vos ajudamos, porém, sob a condição de que também, de vosso lado, nos segundeis e vos mostreis à altura da missão que fostes chamados a desempenhar. Formai, portanto, um feixe e sereis fortes e os maus Espíritos não prevalecerão contra vós. Deus ama os simples de espírito, o que não quer dizer os tolos, mas os que se renunciam a si mesmos e que, sem orgulho, para ele se encaminham. Podeis tornar-vos um foco de luz para a humanidade. Sabei, logo, distinguir o joio do trigo; semeai unicamente o bom grão e preservai-vos de espalhar o joio, por isso que este impedirá que aquele germine e sereis responsáveis por todo o mal que daí resulte; de igual modo, sereis responsáveis pelas doutrinas más que porventura propagueis. Lembrai-vos de que um dia pode vir em que o mundo tenha postos sobre vós os olhos. Fazei, conseguintemente, que nada empane o brilho das boas coisas que saírem do vosso seio. Por isso é que vos recomendamos pedirdes a Deus que vos assista. Santo Agostinho.

Instado para ditar uma fórmula de invocação geral, Santo Agostinho respondeu:

Sabeis que não há fórmula absoluta. Deus é infinitamente grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento. Ora, não creiais baste pronuncieis algumas palavras, para que os maus Espíritos se afastem. Fugi, sobretudo, de vos servirdes de uma dessas fórmulas banais que se recitam por desencargo de consciência. Sua eficácia reside na sinceridade do sentimento que a dita; está, sobretudo, na unanimidade da intenção, porquanto aquele que se lhe não associe de coração não poderá beneficiar dela, nem fazer que os outros beneficiem.
Redigi-a, pois, vós mesmos e submetei-a, se quiserdes. Eu vos ajudarei.

Nota. A seguinte fórmula de invocação geral foi redigida com o concurso do Espírito, que a completou em muitos pontos:

"Deus onipotente, nós te rogamos envies bons Espíritos a nos assistirem e afastes os que nos possam induzir em erro. Dê-nos a luz necessária, para da impostura distinguir a verdade. Afasta, igualmente, os Espíritos malfazejos, capazes de lançar entre nós a desunião, suscitando-nos a inveja, o orgulho e o ciúme. Se alguns tentarem introduzir-se aqui, em teu nome, Senhor, os adjuramos a que se retirem. Bons Espíritos, que presidis aos nossos trabalhos, dignai-vos de vir instruir-nos e tornai-nos dóceis aos vossos conselhos. Fazei que em nós se apague todo sentimento pessoal, ante o propósito do bem de todos. Pedimos, particularmente, a. . ., nosso protetor especial, que assinta em nos trazer hoje o seu concurso."

Comentário: Santo Agostinho aqui fala como um verdadeiro mestre espiritual, reunindo os temas do recolhimento, da vigilância moral e da responsabilidade coletiva dos trabalhadores espíritas. O tom é ao mesmo tempo firme e afetuoso, como um mentor exigente que deseja o melhor dos seus discípulos.

O foco inicial no recolhimento tem um valor doutrinário e prático profundo. Agostinho adverte: *sem recolhimento, as comunicações são levianas.* Ele está dizendo que a sintonia espiritual é condição essencial para o intercâmbio sério com os bons Espíritos. Essa ideia não nega a espontaneidade, mas reforça a necessidade de preparação interior. Ele insiste: o que atrai Espíritos elevados não são palavras bonitas, mas a sinceridade do sentimento e a união da intenção entre os presentes.

A seguir, ele se dirige diretamente aos grupos e médiuns como "colunas do novo edifício" — ou seja, os pilares da regeneração espiritual da humanidade. E com isso vem a exortação: *é preciso estar à altura da missão.* A metáfora do "feixe" indica a força da união espiritual, uma clara alusão ao conhecido provérbio: "uma vara se quebra, um feixe não".

Interessante também é a distinção que ele faz sobre os "simples de espírito": não tolos, mas humildes e despojados do orgulho. Isso é muito Agostinho — ele, que na juventude intelectualizada se orgulhava da erudição, agora exalta a lucidez espiritual dos corações humildes, guiados pelo bem comum.

E quando aborda a necessidade de discernir o bom grão do joio, ele reforça a gravidade do conteúdo doutrinário. O Espiritismo, segundo ele, não pode se corromper com ideias contaminadas pelo personalismo ou pelo misticismo descomprometido com a verdade. Por isso, ele conclama os espíritas a serem focos de luz, não apenas recipientes de luz, mas irradiadores, conscientes de que o mundo um dia poderá voltar seus olhos para eles.

Sobre a fórmula de invocação: Agostinho é coerente com toda a tradição evangélica que valoriza a intenção mais que a forma. Ele respeita a individualidade de cada grupo, orientando que se redija uma prece de forma espontânea e sincera, e afirma: *"Deus é infinitamente grande para dar mais importância às palavras do que ao pensamento."* A fórmula sugerida é simples, clara e profundamente ética: pedir proteção, discernimento, humildade e cooperação fraterna, os pilares da boa prática mediúnica.

Esse Santo Agostinho, guia espiritual, é ao mesmo tempo rigoroso e profundamente confiante no ser humano.

A Gênese* e *O Céu e o Inferno

Não há comunicações assinadas diretamente por Santo Agostinho nessas duas obras. No entanto, ele é citado indiretamente como um dos Espíritos que colaboraram com a Codificação e com a propagação da Doutrina.

Revista Espírita

Santo Agostinho aparece com frequência, especialmente entre 1859 e 1863.

Vamos a algumas mensagens:

Revista espírita — Jornal de estudos psicológicos abril de 1862

Os Mártires do Espiritismo

Pedistes milagres. Hoje pedis mártires. Já existem os mártires do Espiritismo. Entrai nas casas e os vereis.
Pedis perseguidos. Abri o coração desses fervorosos adeptos da ideia nova que lutam contra os preconceitos, com o mundo, e frequentemente até com a família! Como seus corações sangram e se dilatam, quando seus braços se estendem para abraçar um pai, uma mãe, um irmão ou uma esposa e não recebem a paga do carinho e dos transportes, mas sarcasmos, desdém e desprezo.
Os mártires do Espiritismo são os que a cada passo escutam estas palavras insultuosas: louco, insensato, visionário!... e durante muito tempo terão que suportar essas afrontas da incredulidade e outros sofrimentos ainda mais amargos.
Entretanto, a sua recompensa será bela, porque se o Cristo mandou preparar um lugar soberbo aos mártires do Cristianismo, o que prepara aos mártires do Espiritismo será ainda mais brilhante. Os mártires da infância do Cristianismo marchavam para o suplício, corajosos e resignados, porque não contavam sofrer senão dias, horas ou o segundo do martírio, aspirando a morte como única barreira para viver a vida celeste.
Os mártires do Espiritismo não devem nem mesmo aspirar a morte. Devem sofrer tanto tempo quanto praza a Deus deixá-los na Terra e não ousam julgar-se dignos dos puros gozos celestes logo que deixem a vida. Oram e esperam, murmurando baixinho palavras de paz, de amor e de perdão aos que os torturam, esperando novas encarnações nas quais poderão resgatar passadas faltas.
O Espiritismo elevar-se-á como um templo soberbo. A princípio os degraus serão difíceis de subir. Mas, transpostos os primeiros degraus, bons Espíritos ajudarão a vencer os outros até o lugar simples e reto que conduz a Deus.
Ide, ide, filhos, pregar o Espiritismo!
Pedem mártires. Vós sois os primeiros que o Senhor marcou, pois sois apontados a dedo e sois tratados como loucos e insensatos, por causa da verdade! Eu vos digo, entretanto, que em breve chegará a hora da luz e então não mais haverá perseguidores nem perseguidos. Sereis todos irmãos e o mesmo banquete reunirá opressores e oprimidos!

SANTO AGOSTINHO (Médium: Sr. E. Vézy)

Comentário: Nessa dissertação publicada na Revista Espírita de abril de 1862, Santo Agostinho se posiciona como um consolador dos corações feridos pela incompreensão. Ele reconhece a dor íntima e silenciosa daqueles que abraçam a Doutrina Espírita com fé, mas que enfrentam oposição, ironia e isolamento até mesmo dentro da própria família.

É um testemunho notável do que ele chama de "mártires do Espiritismo" — não mais os mártires do sangue, mas os mártires da persistência moral, da fidelidade silenciosa e da dor sem espetáculo. Agostinho desenha um novo tipo de heroísmo espiritual: o daquele que sofre calado, ama apesar da zombaria, resiste sem ódio e prossegue com fé, mesmo sem reconhecimento terreno.

O contraste que ele propõe é tocante: os mártires do Cristianismo pereciam no circo e ascenderam ao céu, mas os do Espiritismo devem viver longamente entre os escárnios, sem a glória da morte heroica. E isso exige uma coragem ainda mais tenaz: suportar o cotidiano, o olhar de desprezo, o riso velado, sem perder a confiança em Deus nem o respeito pelo próximo.

É também uma mensagem de esperança: ele afirma que o Espiritismo se erguerá como um templo, mesmo que os primeiros degraus sejam difíceis. Os bons Espíritos estão prontos a auxiliar aqueles que trabalham com sinceridade. E encerra com uma visão profética: o tempo da reconciliação virá, quando opressores e oprimidos se sentarão à mesma mesa.

Esse é um Agostinho profundamente amadurecido, muito distante do polemista apaixonado dos tempos de Hipona. Aqui ele aparece como voz consoladora, profeta do ideal fraterno e defensor dos que sofrem por amor à verdade.

Revista espírita — Jornal de estudos psicológicos Fevereiro de 1862

"Pedem milagres como prova da Doutrina Espírita. E quem pede essa prova da verdade? Aquele que em primeiro lugar devia crer e ensinar..."
"O maior dos milagres vai operar-se em breve. Sacerdotes do Catolicismo, escutai. Vós quereis milagres e ei-los que se operam... A cruz do Cristo se esfarelava aos golpes do materialismo, da indiferença e do egoísmo; ei-la que se reergue bela, resplandecente, sustentada pelo Espiritismo! Dizei-me: não é o maior dos milagres uma cruz que se reergue, ladeada pela Esperança e pela Caridade?
"– Em verdade, sacerdotes da Igreja, crede e vede. Os milagres vos rodeiam!... Como chamareis essa volta comum à crença casta e pura do Evangelho, pela qual todas as filosofias ligar-se-ão ao Espiritismo? O Espiritismo será a glória e o facho que iluminará o Universo. Oh! Então o milagre será manifesto e deslumbrante, pois aqui em baixo haverá uma só e mesma família.
"Quereis milagres! Vede essa pobre mulher sofredora e sem pão. Como treme na sua mansarda! O hálito com que quer aquecer os filhinhos que morrem de fome é mais frio e glacial que o vento que penetra em seu abrigo miserável. Por que tanta calma e tanta serenidade em seu rosto, diante de tanta miséria? Ah! É que ela viu brilhar uma estrela acima de sua cabeça; a luz celeste espalha-se no seu reduto; ela não chora mais; ela espera! Ela não amaldiçoa, apenas pede a Deus que lhe dê coragem para suportar a prova!... E eis que as portas da mansarda se abrem e a Caridade vem aí depositar aquilo que pode espalhar a sua mão benfeitora!...
"Que doutrina dará mais sentimento e ânimo ao coração? O Cristianismo plantou o estandarte da igualdade na Terra e o Espiritismo arvora o da fraternidade!... Eis o milagre mais celeste e mais divino que poderia acontecer!... Sacerdotes, cujas mãos por vezes estão manchadas pelo sacrilégio, não peçais milagres físicos, pois as vossas frontes poderão quebrar-se na pedra que pisais para subir ao altar!...
"Não, o Espiritismo não se prende a fenômenos físicos; não se apoia em milagres que

falam aos olhos, mas ele dá a fé ao coração. Dizei-me, não estará ainda aí o maior milagre?...”
SANTO AGOSTINHO Médium: Sr. Véry

Comentário: Essa mensagem é de uma força impressionante, é Santo Agostinho em tom profético, contundente, mas ao mesmo tempo profundamente poético. Publicada na *Revista Espírita* de fevereiro de 1862, ela resgata o tema dos “milagres” para redefini-lo à luz da fé racional e transformadora proposta pelo Espiritismo.

O ponto central é claro: o verdadeiro milagre não é o espetáculo sobrenatural, mas a regeneração moral da humanidade. Agostinho denuncia a busca infantil e superficial por fenômenos extraordinários, especialmente por parte de líderes religiosos que, paradoxalmente, deveriam ser os primeiros a reconhecer os frutos espirituais da nova revelação.

E então ele nos apresenta um milagre sublime: *a cruz, quase apagada pelo egoísmo e pela incredulidade, se reerguendo brilhante, sustentada pela Esperança e pela Caridade*. É uma imagem belíssima, o símbolo do Cristo ressurge, não por prodígios materiais, mas pela renovação dos sentimentos humanos.

O trecho da mulher na mansarda é um dos momentos mais comoventes: ela representa a fé viva, silenciosa, que transforma o sofrimento em esperança e atrai o socorro invisível da providência. Este é o milagre real, não os raios que cortam o céu, mas a luz que brota no coração aflito e se multiplica através da caridade.

Agostinho também propõe uma teologia revolucionária: o Espiritismo como a aurora de uma humanidade unida, em que todas as filosofias convergem para o amor e a verdade. Não há aqui divisão, mas um projeto de fraternidade universal, onde opressores e oprimidos se sentarão à mesma mesa. Essa é a promessa: não uma religião nova, mas uma luz que ilumina os aspectos esquecidos do Evangelho.

No fundo, o que ele chama de milagre é aquilo que o Espiritismo realmente promove: a fé que não fere a razão, a caridade ativa, o consolo diante da dor, a esperança que não cede ao desespero. Não se trata de fenômeno, mas de revolução íntima.

Entre Céu e Terra: A Voz de Agostinho Através dos Séculos

Temos aqui um quadro comparativo entre **Agostinho de Hipona encarnado** (século IV/V) e o **Espírito Santo Agostinho** na Codificação Espírita (século XIX), destacando continuidades, transformações e contribuições em cada fase:

Agostinho de Hipona (encarnado)

Aspecto	Características
Contexto histórico	Bispo de Hipona, viveu entre 354 e 430 d.C., em meio à consolidação do Cristianismo no Império Romano.
Formação	Estudioso da filosofia greco-romana, especialmente Platão. Converteu-se ao Cristianismo após intensa busca espiritual.
Obras principais	*Confissões* (autobiografia espiritual) e *A Cidade de Deus* (visão teológica da história).
Teologia	Defensor da graça divina, do pecado original e da predestinação. Buscou conciliar fé e razão.
Visão espiritual	Acreditava na imortalidade da alma, mas dentro dos limites da teologia cristã da época.
Influência	Um dos maiores Doutores da Igreja. Sua filosofia moldou o pensamento cristão por séculos.

Santo Agostinho (Espírito)

Aspecto	Características
Contexto espiritual	Espírito desencarnado que colabora ativamente com a Codificação Espírita, especialmente entre 1857 e 1869.
Participação doutrinária	Um dos Espíritos-guia da Codificação. Assina mensagens em *O Livro dos Espíritos*, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Livro dos Médiuns* e na *Revista Espírita*.
Temas centrais	Autoconhecimento, reforma íntima, oração, progresso moral, vida futura e papel dos bons Espíritos.
Estilo	Linguagem clara, fraterna e moralmente elevada. Fala com autoridade serena e compassiva.
Evolução de pensamento	Amplia sua visão cristã à luz da verdade espiritual. Reconhece que, liberto da matéria, compreende com mais clareza o que antes via de forma limitada.
Missão atual	Divulgador do Espiritismo e guia espiritual. Atua como conselheiro e protetor de muitos encarnados.

Esse comparativo mostra que Agostinho não “renega” sua fé cristã, mas a expande e aprofunda com a visão espiritual adquirida após a desencarnação. Ele continua sendo um apóstolo do Cristo, agora com mais luz e alcance.

Conclusão

O Espírito Santo Agostinho nos fala com a autoridade de quem trilhou profundos abismos interiores e alcançou elevadas cumeadas morais. Sua transição da rigidez dogmática para a compaixão esclarecida não é apenas um exemplo de progresso individual, é também um espelho para os que hoje abraçam o Espiritismo como caminho de renovação.

Na codificação kardequiana, ele se tornou um amigo da humanidade, um educador do coração, e sobretudo, um mensageiro da esperança. Suas mensagens insistem na prática do bem, na fidelidade a Deus e na transformação silenciosa que a fé operante proporciona. Ele nos lembra que ser espírita não é apenas acreditar em Espíritos, é trabalhar com humildade por um mundo mais justo, mais fraterno, mais cristão em essência.

Assim como Agostinho seguiu servindo após deixar a carne, os espíritas de hoje são chamados a continuar a obra que o Cristo iniciou, e que Espíritos como ele agora ajudam a edificar com mãos invisíveis, mas incansáveis. Cada gesto de caridade, cada palavra de consolo, cada estudo compartilhado é uma pedra no edifício da nova humanidade.

E quando os tempos parecerem difíceis, que possamos lembrar de suas palavras firmes e doces, seu chamado à fé sincera e sua certeza de que o bem há de prevalecer. Porque, como ele mesmo afirmou, *o Espiritismo será a luz, e essa luz, nenhuma força do mundo poderá apagar*.

As mensagens espirituais atribuídas a Santo Agostinho foram consultadas na plataforma KARDECPEDIA. *Plataforma de estudos das obras de Allan Kardec*. Disponível em: <https://kardecpedia.com>. Acesso em: 25 jun. 2025.

#EstudosEspíritas #EspiritismoCristão #MissãoDeAgostinho #AgostinhoNaCodificação